

CENTRO UNIVERSITÁRIO DAS FACULDADES
ASSOCIADAS DE ENSINO – FAE

ALAN RODRIGO DE PÁDUA
VANTUYL BARBOSA NETO

LOBO DA VILA

São João da Boa Vista – SP

2007

ALAN RODRIGO DE PÁDUA
VANTUYL BARBOSA NETO

LOBO DA VILA

Relatório Técnico do Projeto Experimental, modalidade livro-reportagem, apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo, sob a orientação do professor e doutorando Francisco de Assis Carvalho Arten.

São João da Boa Vista – SP

2007

ALAN RODRIGO DE PÁDUA
VANTUYL BARBOSA NETO

LOBO DA VILA

Este livro-reportagem foi apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social – Jornalismo, do Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino – Unifae, e foi avaliado pela banca examinadora integrada pelos professores abaixo nomeados.

São João da Boa Vista, _____ de novembro de 2007.

Maria do Socorro Furtado Veloso

Nilton Joaquim Queiroz

Francisco de Assis Carvalho Artén
Orientador

Agradecemos à família, aos amigos, aos colegas de classe e às namoradas pelo apoio e compreensão ao longo do ano.

A todos os outros que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho, a nossa gratidão.

“Se, um dia, me faltar um gol, um drible, um passe e um verso, saiba você que vou passar a viver de brisa, que me parece o jeito mais singelo de aguardar a hora de partir”.

Armando Nogueira

RESUMO

O livro-reportagem *Lobo da Vila* conta a história do Palmeiras Futebol Clube, time de São João da Boa Vista que já esteve em evidência no cenário paulista, mas, atualmente, está com o futebol profissional desativado desde 1997. Para escrevermos este livro, fizemos entrevistas com ex-jogadores, dirigentes e jornalistas que estiveram presentes nas diversas fases da equipe. Além do “Palmeirinha”, relatamos também como foi o início do futebol em São João da Boa Vista. As primeiras partidas, os primeiros jogadores e os primeiros times, que foram os responsáveis por tornar esse esporte popular na cidade. Nosso objetivo é o de contribuir para a história do futebol de São João da Boa Vista, com um livro de qualidade e de fácil leitura.

Palavras-chave: Palmeiras Futebol Clube – Futebol – São João da Boa Vista

ABSTRACT

The article *Lobo da Vila* talks about the history of the Palmeiras Futebol Clube, team of São João da Boa Vista that was already in zoom at the state of São Paulo scene, but nowadays is with the professional soccer retired since 1997. To write this book, we interviewed ex-players, managers and journalists that participated in different levels of the team. Besides of the “Palmeirinha”, we talked about how the beginning of the soccer in São João da Boa Vista was. The first games, the first players and the first teams, that were the responsible to popularize this sport in the city. Our goal is to contribute to the history of the soccer of São João da Boa Vista, with a quality book and with an easy reading.

Keywords: Palmeiras Futebol Clube – Soccer – São João da Boa Vista

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
2.1 Livro-reportagem	12
2.2 Fotojornalismo em livro-reportagem	13
2.3 Jornalismo esportivo	13
2.4 Novo jornalismo	13
2.5 Semiótica e cultura	14
3 DEFINIÇÃO DO OBJETO	16
3.1 O futebol em São João	16
3.2 Os clubes	17
4 METODOLOGIA	18
5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO	19
5.1 Linha editorial	19
5.2 Público-alvo	19
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
7 CRONOGRAMA DE TRABALHO	21
8 REFERÊNCIAS	23
APÊNDICE	25
ANEXOS	38

1 INTRODUÇÃO

O Palmeiras Futebol Clube de São João da Boa Vista é um clube tradicional no cenário paulista e conhecido por suas participações nas divisões de acesso do Campeonato Estadual.

Sua importância para o esporte da cidade é imensurável. Contribuiu muito para a formação de apaixonados pelo esporte e de uma geração de torcedores.

Apesar disso, a história do clube corria o risco de se perder no tempo. Pouco se escreveu sobre o “Palmeirinha”, como era carinhosamente chamado, em função do Palmeiras de São Paulo, que, apesar de mais famoso, é mais novo que o sanjoanense. A fundação do Palmeiras Futebol Clube de São João foi em 1924 e o Palmeiras da capital só passou a usar este nome em 1942, sendo que antes se chamava Palestra Itália e foi obrigado a mudar de nome por causa da Segunda Guerra Mundial.

A história do clube vem se perdendo dia-a-dia por falta de informação e interesse pela preservação do passado. Isso porque até pouco tempo atrás não se dava a devida importância à preservação da memória. E é este o principal objetivo deste livro-reportagem: deixar um documento que poderá servir como material de consulta para as futuras gerações, além de relíquia para os torcedores palmeirinos. Outro objetivo foi o de recuperar parte da história do futebol em São João da Boa Vista. Para isto, fez-se um recorte da história da cidade, com o intuito de reviver uma época e escrever uma crônica daquele tempo.

Para a elaboração deste livro, pesquisas, entrevistas e leituras foram necessárias, tudo para que se conseguisse remontar as cenas, recolocar os craques de volta nos gramados e reeditar as partidas memoráveis dos que fizeram o Palmeiras.

Mas o futebol vai além campo. Foi necessário sair das quatro linhas e entrar também nos bastidores do futebol. Os rumos que o time toma são consequência dos atos dos dirigentes, da presença da torcida e do apoio da imprensa, por isso, deu-se atenção a estes aspectos extra-campo.

E para que o livro não ficasse enfadonho e maçante, procurou-se escrever sem se preocupar com a cronologia dos fatos, tendo o cuidado de que nada ficasse sem explicação e que, no final, a história fosse contada de maneira clara.

O Grande Triunfo é o título do primeiro capítulo do livro. O ano é 1979 e o Palmeiras acaba de se sagrar campeão da “Primeira Divisão do Campeonato Paulista”, o equivalente à

terceira divisão, e a torcida está nas ruas comemorando a promoção à “Divisão de Acesso”. Um feito memorável que encheu a cidade de orgulho. Poucas vezes a moral dos sanjoanenses esteve tão elevada.

É com esse cenário de festa que se inicia o livro. Povo nas ruas, carreata, muitos fogos de artifício e os jogadores humildes transformados em ídolos. Enfim, comemoração digna de time campeão. Movimento grande na cidade. Inesquecível.

O livro então viaja um pouco mais e chega à festa de entrega de faixas e do troféu. Nenhum sanjoanense quis perder; o resultado é a “Vila Manoel Cecílio” lotada para o jogo contra o Internacional de Limeira. A “Vila Manoel Cecílio” era o apelido do campo onde o “Palmeirinha” mandava seus jogos. O nome verdadeiro do estádio é Getúlio Vargas Filho e o apelido vem da localização geográfica, já que o campo fica na Vila Manoel Cecílio, no bairro São Benedito. Daí também o apelido “Lobo da Vila” e da torcida organizada “Lobos da Vila”, todos em referência à já citada vila.

Mas como o Palmeiras chegou até ali? Para responder a esta questão, voltou-se no tempo e se esmiuçou todo o campeonato, desde o início, titubeante, até o final, magistral.

Um time, porém, é feito de jogadores e são eles as personagens principais do capítulo, afinal, foram estes jogadores que encheram os sanjoanenses de orgulho. Além deles, a imprensa foi lembrada, pois seguia o Palmeiras fielmente, não deixando escapar nenhum detalhe. Tudo era informado pelos órgãos de imprensa da cidade.

Para fechar a seção, o grande craque daquele time. O ídolo da torcida e artilheiro do campeonato, o cearense Mirandinha, que se projetou no Palmeiras e foi parar na Seleção Brasileira. Mirandinha fez história no futebol brasileiro e mundial. O centro-avante foi o primeiro jogador de futebol brasileiro a jogar na Inglaterra, o berço do futebol.

A segunda seção é reservada para a história do futebol em São João da Boa Vista. O objetivo é mostrar em que contexto o Palmeiras surgiu e fazer uma retrospectiva do futebol sanjoanense, recuperando assim um pouco da memória do esporte da cidade. Afinal, o futebol sanjoanense não foi feito apenas do Palmeiras. Além disso, ao contar a história dos pioneiros na “Cidade dos Crepúsculos Maravilhosos”, inseriu-se o Palmeiras neste universo, pois o time não começou do nada.

Procurou-se, nesta parte do livro, retratar o lado romântico do início do esporte na cidade. A insistência dos primeiros futebolistas que, mesmo desagradando aos moradores e sendo

expulsos várias vezes dos campos, resistiram a tudo e conseguiram que o futebol crescesse na cidade.

A formação dos primeiros times também é destaque nesta seção. Isso porque eles foram a base para o surgimento dos maiores, como a Sociedade Esportiva Sanjoanense e o Palmeiras Futebol Clube.

A Sociedade Esportiva Sanjoanense mereceu uma seção especial, por vários motivos. O time é o maior rival do Palmeiras em São João da Boa Vista e, também, teve destaque no cenário paulista. O rubro-negro sanjoanense foi o primeiro clube da cidade a ter destaque no futebol profissional. Mais do que isso, o time teve grandes participações no estado, participando de campeonatos paulistas e ganhando títulos no interior de São Paulo, como o bicampeonato da Mogiana, que lhe rendeu o apelido de “Tigres da Mogiana”. A Sociedade Esportiva Sanjoanense também contribuiu para o futebol nacional e mundial, afinal o clube revelou os zagueiros Bellini e Mauro Ramos, capitães da Seleção Brasileira nas Copas de 58 e 62, respectivamente.

A quarta seção é destinada à fundação do Palmeiras Futebol Clube e seus primeiros passos no futebol. Desde o início, quando moradores do Largo das Palmeiras se reuniram para fundar o time, até à inauguração do estádio, dos refletores e da sede social, tudo muito importante para o time. Os fundadores se sentiam excluídos pela Esportiva e, por isso resolveram fundar o Palmeiras.

Para finalizar, a quinta e última seção é sobre o fim do futebol profissional do clube, em 1998. Os últimos anos, os últimos campeonatos e os últimos jogadores.

Essa parte do livro é a única que não está totalmente finalizada, afinal, há a torcida e a possibilidade do retorno do time ao futebol profissional. O livro termina, então, com um até breve, ao invés de adeus.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Livro-reportagem

Escolheu-se livro-reportagem como modalidade do Trabalho de Conclusão de Curso, pois acreditou-se que o livro poderá servir, futuramente, de material de consulta e, com isso, contribuir para o resgate histórico, não só do Palmeiras Futebol Clube, mas da história do futebol de São João da Boa Vista.

O livro-reportagem apresenta-se com aprofundamento igualmente extensivo e intensivo. No primeiro caso, o número e a qualidade dos detalhamentos enriquecem a narrativa para um grau de informação idealmente superior ao dos veículos cotidianos. No segundo, a verticalização solidifica a real compreensão do tema e de sua precisa inserção no contexto contemporâneo (LIMA, 1995, p.37).

O livro-reportagem, com seu aprofundamento, nos obriga a “informar e orientar com profundidade, transformando-se num instrumento complementar e extensor do jornalismo” (LIMA, 1995, p. 37).

Para contar essa história, optou-se pela narrativa não linear, ou seja, o livro não transcorre no tempo cronológico. Além disso, acredita-se que contar uma boa história não é simplesmente narrar todos os fatos e todos os acontecimentos, mas escolher aqueles que sintetizam a íntegra, além de descrevê-los com a maior riqueza de detalhes possível, sem ser enfadonho. A isto dá-se o nome de digressão.

Histórias são como holofotes e refletores – iluminam parte do palco enquanto deixam o resto na escuridão. Se iluminassem igualmente o palco todo, de fato não teriam utilidade. Sua tarefa, afinal, é “limpar” o palco, preparando-o para o consumo visual e intelectual dos espectadores; criar um quadro que se possa absorver, compreender e reter, destacando-o da anarquia de borrões e manchas que não se podem assimilar e que não fazem sentido (BAUMAN, 2004, p. 26).

O produto pode ser classificado como livro-reportagem-história, pois “focaliza um tema do passado recente ou algo mais distante no tempo. O tema, porém, tem geralmente algum

elemento que o conecta com o presente, dessa forma possibilitando um elo comum com o leitor atual” (LIMA, 1995, p. 46).

2.2 Fotojornalismo em livro-reportagem

Com as fotos editadas para o livro, buscou-se ilustrar um pouco melhor a época relatada. “Entendemos por fotojornalismo a atividade que pode visar informar, contextualizar, oferecer conhecimento, formar, esclarecer ou marcar pontos de vista (“opinar”) através da fotografia de acontecimentos e da cobertura de assuntos de interesse jornalístico” (SOUZA, 2000, p. 12).

As fotos que ilustram o livro foram feitas ao longo das mais variadas épocas do Palmeiras Futebol Clube. Essas fotos resgatam um tempo passado, de glórias e também de dificuldades, que sempre ficam na cabeça dos torcedores. Rever as fotos é voltar no tempo, por isso elas são fundamentais para o livro.

As fotos do livro pertencem aos entrevistados, que as guardam como lembranças do tempo que não volta, mas do qual eles sentem saudades. As fotos comprovam, para eles mesmos, que aquilo realmente ocorreu, que fizeram parte daqueles times e que fizeram a alegria do povo.

2.3 Jornalismo esportivo

Estudou-se jornalismo esportivo para entender como a imprensa tratava a equipe e a cobertura na época. No início havia a rádio Pirantininga que acompanhava o Palmeiras onde ele iria jogar. Foi nesta rádio que o narrador Luiz Roberto de Mucio, da Rede Globo, iniciou sua carreira.

Além da rádio, ele também escrevia para o jornal Opção, que, inclusive, fez uma edição especial sobre o título de 1979. Além desses veículos, havia também a Rádio Mirante, fundada mais tarde, e os jornais O Município e a Gazeta de São João. Todos os veículos têm grande importância na história do Palmeiras.

2.4 Novo jornalismo

O Novo Jornalismo é um estilo jornalístico surgido nos Estados Unidos na década de 60. Este estilo busca uma nova maneira de se escrever, mas sem perder as características jornalísticas, como a checagem de informações.

Literatura e jornalismo certamente têm elementos em suas narrativas que as caracterizam e as distinguem, mas a qualidade do texto, suas emoções, seus envolvimento, sua criatividade não parecem ser responsáveis por essa distinção. O texto de jornal deve ter agilidade, precisão, clareza, mas nada impede que tenha detalhes, que reproduza o contato com a vida, que desperte ternura ou emoção (VICCHIATTI, 2005, p. 83 e 84).

O texto no Novo Jornalismo é literário. Ele é repleto de figuras de linguagem, é mais trabalhado do que no do jornalismo do cotidiano. Por isso procuramos escrever nosso livro desta forma, buscando, no jeito de escrever, cativar o leitor e “prendê-lo” no livro, por meio das técnicas do Novo Jornalismo.

2.5 Semiótica e Cultura

Buscou-se neste trabalho ter uma visão mais crítica ao estudo da história do Palmeiras Futebol Clube, por isso tentou-se entender o futebol não apenas no seu aspecto desportivo, mas também o associando com a cultura, como um signo.

Cultura é tudo aquilo que, no homem, não é produto exclusivo do instinto biológico e da herança genética, isto é, tudo aquilo que o homem aprende, todo o acervo de conhecimentos transmissíveis de um indivíduo a outro e de geração a geração através da linguagem (BIZZOCCHI, s/d, p. 18 e 19).

Essa linguagem, mencionada por Bizzocchi, é um instrumento de comunicação e pensamento. O futebol, portanto, é cultura, pois não faz parte da genética humana e tampouco do instinto biológico, e é passado de geração em geração através das características inerentes a esse esporte.

Nesse esporte, cada movimento de um jogador (um passe, um drible, um chute, uma “matada de bola”, um arremesso, um bloqueio) funciona como as cores e formas na pintura abstrata, que se combinam formando enunciado (no caso, as jogadas) sem significado objetivo, ou como as notas musicais, cujo único significado é desempenhar funções (vencer a partida, impedir a vitória adversária, manter o placar etc.) (BIZZOCCHI, s/d, p. 43).

Uma partida de futebol é também cultura e semiótica, pois, esta “é o estudo científico do processo histórico da cultura de um povo através da análise da visão de mundo desse povo, revelada em suas manifestações semióticas (sua literatura, sua música, suas danças, seus costumes, suas crenças etc.)” (BIZZOCCHI, s/d, p.18).

Portanto, só se pode afirmar que o “Palmeirinha” foi um símbolo e um signo para os torcedores sanjoanenses. Quando entrava em campo, não era apenas uma equipe de futebol. Era a própria cidade. Quando o time foi campeão em 1979, não foi motivo de orgulho por parte só dos torcedores, mas também de todos os moradores da cidade, mesmo os que não acompanhavam o campeonato. O Palmeiras também era um signo representante daquela época. Uma outra prova de que o Palmeiras era um símbolo de São João da Boa Vista é que a maioria dos torcedores que iam à Vila Manoel Cecílio para acompanhar o Palmeiras, torciam para algum clube grande do país, mas tinham o Palmeiras como paixão também, em razão de ser um clube da cidade.

Para entender o que o Palmeiras representava para a cidade, os autores estudaram semiótica como Referencial Teórico.

3 DEFINIÇÃO DO OBJETO

Os autores não viveram a época áurea do Palmeiras Futebol Clube, mas, como moradores de São João da Boa Vista, sempre ouviram histórias e presenciaram o saudosismo dos antigos torcedores. Esse saudosismo e essas histórias despertaram o interesse em conhecer o que foi o Palmeiras para São João, cuja importância para o esporte não está apenas nesta cidade, mas também em todo o estado.

Para conhecer o alvinegro, fizeram entrevistas, pesquisaram e leram a respeito do clube e do próprio futebol na cidade.

Além da história do Palmeiras, também contaram como foi a chegada do futebol a São João da Boa Vista, os primeiros jogos e os primeiros clubes, preocupando-se em deixar a contribuição para a história da cidade.

3.1 O futebol em São João

Entendeu-se que não bastava apenas contar a história do Palmeiras, sem mostrar ao leitor as origens do futebol em nossa terra. Afinal, o Palmeiras não surgiu do nada, existiram precursores e eles foram importantes.

Além disso, os primórdios do futebol na cidade são românticos, lúdicos. Os desportistas eram todos “marinheiros de primeira viagem” e, como pioneiros, eles tiveram uma missão difícil: a de cativar o povo sanjoanense.

O começo foi difícil; eles encontraram muitas resistências e quase que o futebol não vingava na nossa cidade. Porém, graças à determinação e certa teimosia de alguns apaixonados pelo esporte, o futebol cambaleou, mas sobreviveu.

A constante troca de lugares, a falta de um campo apropriado, o amadorismo e a já citada resistência por parte dos moradores, foram alguns dos problemas encontrados pelos futebolistas em São João.

Mas logo surgiram os clubes e, com eles, a busca de um local apropriado. Com o campo em condições dignas de jogo, ocorreu a atração do torcedor. Essa atração do torcedor, por final, foi o que impulsionou ainda mais o futebol, pois com o interesse desses aficionados e, conseqüentemente, o apoio financeiro, os clubes foram evoluindo.

3.2 Os clubes

Palmeiras e Esportiva são os principais clubes da cidade, porém não são os únicos. Aliás, os dois surgiram depois de alguns, os pioneiros, que tiveram muitas dificuldades no início e foram fundamentais para cativar os moradores e abrir espaço para os novos times.

A Esportiva foi o primeiro clube que atingiu reconhecimento no estado de São Paulo. O clube também inspirou o surgimento do Palmeiras.

O Lobo da Vila foi fundamental para consolidar São João no futebol profissional. A conquista de 1979 pôs o Palmeiras em um patamar único no futebol sanjoanense.

O fim do futebol profissional nos dois clubes deixou uma lacuna na cidade. Lacuna esta que ainda não foi preenchida e não há sinais de que seja sem esses dois clubes. O Palmeiras parece mais preparado para a volta, mas mesmo ele não tem previsão de quando retorna, se é que retornará.

4 METODOLOGIA

Para escrever o livro-reportagem, foram feitas pesquisas em livros, jornais, sites e documentos da época. Além disso, foram entrevistados ex-jogadores, dirigentes e jornalistas que acompanharam o Palmeiras Futebol Clube ao longo dos seus mais de oitenta anos.

O primeiro passo, depois de escolhido o tema do produto, foi a leitura de livros sobre futebol, livro-reportagem, e novo jornalismo. Já com as idéias organizadas, partiu-se para as entrevistas. Buscou-se, em um primeiro momento, alguns ex-jogadores e jornalistas, para saber como foram aqueles tempos, para conseguir reconstruir as cenas.

Nas entrevistas, procurou-se tirar dos entrevistados o máximo possível, pois se precisam, além dos fatos, dos detalhes. Não foi fácil, visto que a maioria dos acontecimentos já são antigos. Por isso foi necessário paciência e compreensão dos entrevistados, que tiveram que forçar a memória para lembrar de coisas que eles julgavam pequenas, mas muito importantes para o presente tema.

Com as principais leituras e entrevistas feitas, teve início o texto do livro. Com a “mão na massa” pôde-se ver que ainda faltavam dados, detalhes. Por isso, à medida em que o texto se desenvolvia, continuavam acontecendo as entrevistas, buscas, que eram, na maioria, em sites especializados, e leituras.

Porém, neste momento em que já se sabia o que queria, as entrevistas e buscas foram mais pontuais, focando no que faltava para completar as informações.

Por último, com o livro já quase pronto, recorreu-se aos ex-jogadores de 1979 para se tentar conseguir pequenos detalhes de cada um, coisas que cada um lembrava. Com isso, procurou-se humanizar mais o capítulo. Não foram encontrados todos, mesmo porque, muitos estão fora, mas atingiu-se o objetivo e o capítulo ficou mais interessante.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

5.1 Linha editorial

Diversos títulos foram pensados para dar nome ao livro. Desde os mais óbvios, como “Palmeiras Futebol Clube”, o qual viria acompanhado de um subtítulo, até alguns mais charmosos, como “O alvinegro sanjoanense”, “O verdadeiro Palmeiras”, “Palmeiras é preto e branco”.

Porém, não foram aprovados estes títulos, pois acreditava-se que não iriam despertar tanto interesse nos leitores. O título escolhido então foi “Lobo da Vila”, em referência ao apelido dado ao time pelo jornalista Aílton Fonseca em 1979. O apelido acabou ficando e o Palmeiras até hoje é lembrado assim. Aílton Fonseca conta que no início o apelido que ele e Luiz Roberto de Mucio usavam era motivo de gozação por parte dos torcedores e dos outros órgãos de imprensa, mas depois acabou ficando e até hoje o Palmeiras é conhecido assim.

A organização das seções foi algo pensado exaustivamente de diversas formas e mudada inúmeras vezes ao longo do ano. Optou-se por fazer uma narrativa não cronológica, a fim de não aborrecer o leitor e também dar uma dinâmica diferente à leitura.

Acredita-se que esse vai e vem no tempo é benéfico. Seguir a linha do tempo pareceu muito aprisionante, afinal teria que se narrar os fatos ocorridos um atrás do outro e não seria atingido o objetivo, que é despertar a atenção e vontade de ler do leitor, pois o livro pareceria com aquelas velhas apostilas de história.

Apesar de não seguir o tempo cronológico, a compreensão do livro e da história do Palmeiras não fica prejudicada.

5.2 Público-alvo

O público-alvo são os apaixonados pelo Palmeiras Futebol Clube. Além deles, procurou-se atingir também todos os que gostam de futebol, de esportes em geral, de história e de São João da Boa Vista. Espera-se alcançar ainda todos que apreciam uma bela leitura e de uma boa história.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este livro-reportagem e, conseqüentemente, o Palmeiras Futebol Clube tomaram grande parte do tempo e da atenção dos autores neste ano. Com eles pôde-se colocar em prática o que se aprendeu nestes últimos quatro anos.

O gratificante é ver que não foram quatro anos em vão e que saem da faculdade preparados para o mercado de trabalho. Este Trabalho de Conclusão de Curso foi, talvez, o último passo das vidas acadêmicas dos autores na graduação e tentou-se dar o melhor passo.

O tema escolhido é ligado a afetividade, por isso foi mais fácil desenvolvê-lo, porém surgiram algumas dificuldades. Procurou-se superar todos os obstáculos e fazer um bom trabalho.

Acredita-se que o material produzido esteja bem feito, mas o mais importante são as lições adquiridas ao longo deste tortuoso, porém gratificante ano.

Aos que ajudaram no trabalho, aos familiares que compreenderam e amigos e namoradas que agüentaram este ano, os sinceros agradecimentos.

7 CRONOGRAMA DE TRABALHO

Novembro/ 2006

Acerto de parceria entre os membros do grupo

Escolha do tema e da modalidade

Dezembro/ 2006

Reunião com Presidente e Vice-presidente do Palmeiras

Início das pesquisas em livros e sites

Janeiro e fevereiro/ 2007

Pesquisas para o livro

Reuniões para decidir propósitos e formato do livro

Março/ 2007

Início das orientações

Reunião com Leivinha

Entrevista com Baiano e Guará

Abril/ 2007

Início da escrita do livro

Entrevista com Dusca

Maió/ 2007

Entrevista Antenor Bernardes

Início da escrita do Relatório Técnico

Junho/ 2007

Entrevista Homero Brandão

Julho/ 2007

Entrevista Edelson De Canine e Afilton Fonseca
Pesquisas em jornais

Agosto/ 2007

Reunião com Luiz Roberto de Mucio
Finalização do Relatório Técnico

Setembro/ 2007 até prazo final

Pesquisa e coleta de fotos para o livro
Entrevistas para a finalização do livro
Finalização do livro-reportagem
Correção ortográfica, diagramação e impressão

8 REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BIZZOCCHI, A. **Anatomia da Cultura** – Uma nova abordagem semiótica do universo cultural. Apostila sem dados.

CURADO, G. **Brasil Futebol Clube**. São Paulo: Saber Ltda, 1994.

DUARTE, O. **Enciclopédia** – todas as Copas do Mundo. São Paulo: Makron books, 2001.

HETZER, T. **O jogo bruto das Copas do Mundo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

LANCE. **Almanaque dos Mundiais**: a história e as curiosidades das Copas em 60 perguntas e respostas. São Paulo: Lance! Editorial, 2006.

LIMA, E. **Páginas Ampliadas**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

MARCONDES, J. **Natação 50 anos**. São João da Boa Vista: Sociedade Esportiva Sanjoanense, 2006.

SOUSA, J. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Porto: Grifos, 2000.

VICCHIATTI, C. **Jornalismo**: comunicação, literatura e compromisso social. São Paulo: Paulus, 2005.

Periódicos, entrevistas e sites consultados

PLACAR ESPECIAL. A taça do mundo é nossa. São Paulo: Abril. Sem dados.

PLACAR ESPECIAL. Os 100 craques do século. São Paulo: Abril, nº 1.157, novembro 1999.

PLACAR ESPECIAL. Quem é quem: 500 jogadores. São Paulo: Abril, nº 1149, março 1999.

PLACAR ESPECIAL. Quem é quem: 581 craques do Brasil. São Paulo: Abril, nº 1165, junho 2000.

PLACAR ESPECIAL. Tira teima. São Paulo: Abril, nº 1155, setembro 1999.

www.caldense.com.br – acesso em 16.05.07 Às 19h49.

www.miltonneves.com.br - vários acessos.

www.mixhomepage.hpg.ig.com.br/melhores_jogadores.htm - acesso em 11.05.07 às 16h52.

www.noticias.uol.com.br/pelenet/quemequem/show.jhtm?id=270 – acesso em 08.05.07 às 7:50.

APÊNDICE

Entrevista Guará

Jogou em que época no Palmeiras?

R- 1978 a 1993

Jogava onde?

Sul de MG, Elói Mendes era um amador Marrom

Jogava em qual posição?

Meia direita, meia esquerda e volante, no final aqui terminei como médio volante

Você encerrou a carreira aqui?

Sim, encerrei aqui em SJ, quer dizer, nesse meio de 1978 a 1993 dei umas saídas n, aí fui emprestado para o Flamengo de Varginha e depois eu fui para o Pinhalense.

O que mais te marcou nessa época?

A conquista de 1979 da antiga primeira divisão.

Como foi essa conquista?

Há rapaz, na época era ponto corrido, nós nos tornamos campeões com duas rodadas de antecedência. Eu lembro que nessa época todos os anos a gente estava entre os oitos. Uma passagem gostosa que teve  que o último jogo nosso seria em Ilha Solteira, eu lembro como se fosse hoje, e o Palmeiras queria mandar um pessoal que não vinha jogando, porque já era campeão, e aí, o pessoal de Ilha Solteira pediu que fosse o time campeão, aí teve uma homenagem muito bonita.

Qual era o destaque do time?

Mirandinha, Titica, Gaúcho, o time era muito bom, Carioca, Hamilton lateral esquerda muito bom.

Depois de 1979 o time desmanchou?

Aí o Mirandinha saiu, depois veio o Tuim que acabou fazendo o primeiro gol no CIC, o Gaúcho foi para o Botafogo junto com o Mirandinha na mesma época. Depois do Miranda muitos centro-avantes passaram, pra vc ter uma idéia depois do Tuim veio o Monga, veio o Monguinha, Cássio que está aqui ainda, passaram muitos jogadores, Jorjo que veio comigo l do RJ.

Em relação aos jogos, tem algum jogo marcante que vc lembra?

O que marcou muito pra mim foi o Paulista de Jundiaí, numa época em que nós fomos jogar lá e a torcida que hoje é até essa torcida vibrante do Galo do Japí. Eu lembro que o locutor me entrevistou e falou: Sr. Guará, a torcida está dizendo aí que o Palmeiras preto e branco tem que levar de 5, o que que se fala? E Aí eu lembro que nós ganhamos de 1 X 0 , gol meu lá, foi o primeiro jogo, e depois ficou um tabu de 7 a 8 anos, isso aí permaneceu por muito tempo. Tem umas passagens assim que puxa, a gente ia jogar lá lotado e nós já classificados, Paulista precisando de resultado, os caras choravam.

Alguma passagem ou momento interessante?

Uma passagem interessante que nós tivemos é quando fomos jogar em Batatais e o ônibus quebrou, nós tivemos que pegar uma carona de caminhão, chegamos de caminhão no estádio lotado, não tinha condição de almoçar e nem de jantar, foi uma correria para conseguir maça, nos aquecendo no vestiário e comendo maça para entrar.

E quanto foi o jogo?

0X0 lá, vieram aqui e nós ganhamos de 05

E aqui a torcida comparecia?

Aqui sempre prestigiou, principalmente quando era no Getúlio Vargas, ali no caldeirãozinho era muito bom.

O mascote do Palmeiras qual era?

É Lobo, Lobo da Vila.

Algumas passagens marcantes?

O Titica era um jogador que para jogar precisava beber, e todo mundo sabia disso e ele escondia a garrafinha dentro do ralo do banheiro. O Titica não gostava de tomar banho mais nem por decreto, porque que o Titica ia todo dia no banheiro? Tinha alguma coisa errada, nós fomos sondar, ele estava puxando a garrafinha pelo barbante, HAHHAHA, para tomar pinguinha.

Ele tomava sempre antes do jogo?

Sempre tomava antes do jogo, ele não precisava, ele era cortante né, e tanto que todos os treinadores que passaram sabiam disso. E as vezes a gente lembra que ele ia dar entrevista e falava “ domingo é o touro dos canaviais que era o sertãozinho, e como eu gosto de cana também vai dar certo. Outra passagem marcante também, o Edu quando veio pra cá ele comprou um fusca verde e apelidava ele de abacate, nessa época aqui era a D’Paschoal nessa rua. O Edu vinha do Palmeiras pra cá e tinha que cruzar a D. Pedro e a Tereziano Valim e ali era tudo preferencial dele e do jeito que ele vinha ele subia e as vezes cruzava com a gente descendo a pé e quando apontava o verdinho a gente punha até a mão na cabeça porque o cara vinha, HAHHAHA

Quem era o técnico em 1979?

Em 79 era o Acosta, no ano em que foi campeão né. Logo depois veio o Bidon, casado com a Carmela.

E depois de 79 o time desmanchou?

Não, pelo contrário, até 93 só time muito bom.

Os campeonatos que vc jogou aqui depois, vocês eram sempre bem classificados?

Sempre, todo ano estava entre os 8, vc imagina que 50 e poucas equipes e a gente estava sempre na octogonal né. E na hora que chegava entre os 4 aí os times de maior poder era complicado.

Mas aí, todo esse tempo o time ficou na intemediária?

Todo, teve uma época depois que aí vieram, os como se fala?? Empresários meio. Primeiro que na época do Dr. Antenor nunca faltou pagamento e nunca atrasou.

Extra-campo, vocês não tinha problemas??

Não, com certeza, uma estrutura muito boa.

Como Mirandinha era como pessoa?

Lembrei de uma passagem conta o ginásio Pinhalense, em que o Marcio, ponta esquerda, que era da Caldense, cortou um, cortou outro na linha de fundo e chegou na área e rolou pra mim e eu fiz o gol . O Mirandinha chiou _ Oh Marcio, toca pra mim caramba, pra mim fazer. _ Oh, mais eu toquei pro Guará, e ele fez. _ Mas toca pra mim que eu faço também. Era pouco fominha.

Outra passagem interessante do Miranda, logo que ele chegou pra cá, a bola quando chegava ele batia né, dificilmente ele cruzava e o Hélio de Almeida chegou pra ele: _ Oh Miranda, se vc chegar na linha de fundo e não cruzar, eu vou te sacar. E contra o Lemensa a primeira que ele pegou na linha de fundo ele meteu de três dedos e caixa, pegou a segunda e caixa, aí ele falou: _ Ah Miranda, faz o que vc quiser, eu não vou falar mais nada.

Ele foi o artilheiro do campeonato??

Sim, artilheiro do campeonato.

Você lembra quantos gols??

Se não me engano foi 16, mais eu não tenho certeza não. Eu lembro que no ano que fomos campeões, ficamos uma semana pra fora, pra jogar em Tupã. E de Tupã, fomos jogar em Presidente Prudente, contra o Beira Rio que era o Presidente Eptácio, e nós voltamos de lá praticamente campeões, que nós dependíamos de uma vitória contra o Horlândia aqui. Saímos perdendo de 1 X 0, e viramos para 2X1 e aí conseguimos consolidar, já com duas rodadas antes como eu te falei.

Como era a pressão em outros campos?

Na verdade todos os campos do interior tinham. Agora, Horiândia e Bragança, a pressão era muito grande. Mas nós tínhamos aqui uns pitorescos, que era aquele que corria atrás do bandeirinha, agarrava ele como o guarda-chuva. O bandeirinha ia correndo pelo alambrado e ele pegava com o guarda-chuva.

E questão de arbitragem, vocês tinham algum problema?

Na arbitragem, sempre tinham as cartas marcadas, mas não acredito que no nosso caso interferissem assim.

Mudou alguma coisa “Status” depois que foram campeões, aqui na cidade?

É na realidade aqui sempre fomos bem tratados, eu falo que se um dia eu tiver que sair daqui eu vou sair mas vão ter que arrumar um trator de esteira para me puxar pelo braço.

Entrevista Homero da Silva Brandão

Estou no Pameiras desde 1961. Eu entrei como um dos diretores de futebol. Eu estive muito tempo afastado. Voltei faz 10 anos. Participei do Rudney Fracaro, 1 ano com ele, depois eu saí, aí voltei com o Merlin e ficamos 8 anos. Eu fui o primeiro vice-presidente da diretoria dele.

Eu não estava em 1979. Eu auxiliava o presidente João Lúcio, mas eu não tinha cargo não. Eu estava afastado este tempo. Porém eu tava junto do Palmeiras. Naquele tempo eu ajudava o João Lúcio e o Antenor. O João Lúcio que ajudou muito financeiramente. Então eu fazia uma intermediária, mas não era diretor.

Mesmo afastado, eu sempre estive ligado ao Palmeiras. Quando o João Lúcio e o Dr. Antenor assumiram o Palmeiras, eu tava sempre dando uma mão, arrumando dinheiro, falando com os políticos. Eu tava junto. Não tinha cargo, mas tava junto.

Eu tenho um grande amor pelo Palmeiras, pois faz quarenta e sete anos que eu estou lá. Eu queria parar agora, por que, quando nós pegamos há 8 anos atrás, tava falido. Naquele tempo eu fiz o Merlin pegar a presidência, pois era tempo de pegar, mas ele não queria. Aí eu disse: “ou pega ou vamos largar mão disso”. Isso aqui iria virar um comitê político, a sede estava indo para a praça, por causa de dívidas de futebol, de tudo. Então, se ele não pega, a coisa complica. Ele pegou e eu tive que pegar como vice-presidente, mas também não queria pegar. Queria ajudar de outras maneiras, mas ele me fez pegar. Agora terminou, ele não quer mais e afastou ele e o Dr. Antenor, me fez pegar. Eu também não queria. Queria ser conselheiro comum, não queria mais cargo. Eu estou com 67 anos, quase 68, e ainda são 4 anos, pois se fossem 2, daí arrumava outro e reelegia outro, mas tem que ficar os 4 anos.

A gente está sempre ligado, não pode falar não. Tem que trabalhar. Hoje a coisa está saneada, está bonita. O rapaz que está assumindo, a gente sempre lutou para trabalhar para o Palmeiras não depender de coronel, de nego de dinheiro. Qualquer pessoa tocando. Tendo boa vontade e amor no clube toca. Hoje está assim, o Paulo, o menino que assumiu, é novo e não tem grandes posses financeiras e vai tocar, pois está tudo saneado. O Merlin fez tudo que tinha que fazer de investimento. O parque aquático, cobriu a sede que tava caindo, agora, para terminar, está cuidando do

campo, que estava muito ruim, está arrumando os vestiários, arrumando o que tem que arrumar lá, vai pintar a portaria.

Hoje está tranquilo, mas há 10 anos atrás dava medo na gente. Estava devendo, a sede quase que vai à praça, por causa de 4 mil reais. Era um negócio assustador. Quase que o Palmeiras vai para a merda e hoje manteve o patrimônio. Está tudo equilibrado, tem mais de mil sócios. Nós éramos em 160 heróis, por que nós pagávamos pouco, que era 20 reais, sem ter nada. Estávamos fazendo papel de bobo. Agora já está com mais de mil sócios, então a coisa agora está boa.

O FUTEBOL NO PALMEIRAS

Eu mexo só com o futebol, minha vida é futebol. Eu nunca gostei de cargo social. Eu acho que já não volta, por que hoje, inclusive, está mais fácil, pois esse prefeito está ajudando o esporte. Eu estou vendo aí até coisa absurda, dando 60 mil reais para o Reio, 60 mil reais para o basquete da Esportiva, então, se amanhã resolver que volta e pode até voltar. Não está descartado. O Paulo na posse falou isso agora, tem que voltar com o pé no chão. Voltar com irresponsabilidade, com esses bandos que aparecem aí, se tem conta eles deixam para o clube pagar e se tem lucro eles levam.

Esse do Boa Vista eu já tinha expulsado ele do Palmeiras. Ele teve aqui um ano e o Nelsinho jogou ele para o Palmeiras e o Merlin me mandou conversar com ele. Eu falei para o Merlin: “mas nem pensar com esse cara”. Esse cara queria um ano de contrato, ele não tem noção. Como é que você vai por um negócio para ganhar dinheiro e vai fazer um ano de contrato? Você não revela ninguém. Queria tomar conta e eu falei que era um malandro. Ele voltou depois. O Nelson parece que é amigo dele, e resolveu ajudar. Você viu no que deu. É uma picaretagem.

Tem que se fazer um trabalho com as indústrias, para não pesar, um dá 5, outro dá 10, a Prefeitura ajuda, faz transporte para lá e para cá, essas coisas. Por que também faz uma propaganda da cidade. Para tocar a coisa tem que ser desse jeito e no futebol tem que ter muita cabeça. Não pode ter nego aventureiro dirigindo, por que futebol é apaixonante. Amanhã você taí e precisa contratar um jogador, você vai no banco, pega dinheiro. Então a coisa tem que ser muito bem plantada, como nós fazíamos antigamente, que tinha uma divisão inferior muito boa.

O futebol está muito difícil por causa desta Lei Pelé. Você faz um jogador e o cara vem e toma. Enquanto não mudar isso e por que o jogador até os 25 anos está preso ao clube de origem, você pode largar mão.

É muito difícil tocar o futebol. Hoje você precisa manter lá 30, 32 homens e a molecada come. Manter uma república é uma coisa bárbara. Você tem que dar um dinheiro, você tem que pagar, daí você revela um jogador e o cara vem e leva embora. Isso é a mesma coisa do plantador de batatas. O cara vai lá e compra a batata e ele que ganha o dinheiro, o cara lá não ganha dinheiro nenhum. A mesma coisa é o futebol hoje.

No tempo do futebol profissional do Palmeiras tinha o João Lúcio, a gente sempre agüentava. Mas você vendia um jogador, entrava dinheiro, ajudava. E tinha uma equipe que trabalhava muito. Nós trabalhávamos demais. A equipe do Geléia, deste povo aí, trabalhavam demais. Fazíamos muita promoção, muita rifa e dava para equilibrar. Teve um ano que equilibrou. Eu lembro quando o Antenor foi eleito em 71 nós estávamos parados. Não sei o ano que o Dr. Antenor foi eleito, fim da década de 60 ou 70. Quando ele foi eleito prefeito, o João Lúcio me chamou lá e ele falou: “olha Brandão, eu subi no palanque e prometi que se o Antenor fosse eleito eu ia tocar o futebol profissional. Então você reúne a equipe e o que faltar todo dia 10 para fazer o pagamento, você vem buscar”. Eu falei para ele: “Seu

João, você tá ficando louco? Tá parado, deixa isso, isso aí dá muito”. “Bom, você só me xinga se você vier buscar o dinheiro aqui e eu achar ruim, mas eu vou tocar. Vou cumprir a minha palavra e vou tocar”.

Esse ano parece que deu, vamos dizer, 2 mil reais de prejuízo no ano inteiro. Quer dizer, era um trabalho muito árduo. Eu lembro de um treinador que esteve aqui em 79, que foi campeão conosco, o Acosta. Eu perguntei: “Acosta, a Esportiva e o Palmeiras têm um belo patrimônio e do lado de lá, que é o Barretos, que é tradicional, Francana e outros times daquela região, onde ele trabalhava mais. Ele era mais radicado naquele lado. Não têm um campo, eles têm onze camisas e nós temos um patrimônio, o Palmeiras tem um bom patrimônio, a Esportiva hoje tem um belo patrimônio”. “O Brandão, pela minha experiência, do jeito que eu to vendo aqui, é o seguinte, desse lado, aqui vocês têm uma equipe de trabalho, se faltar alguma coisa, o Dr. João, o Antenor banca, mas vocês têm uma equipe de trabalho que angaria fundos para tocar o futebol. Do lado de lá é diferente, quem tem põe e quem não tem tira”. Quer dizer, os diretores roubavam.

Você pode ver que o Barretos é um time profissional e até hoje não tem um campo. O campo é da prefeitura e tem onze camisas. Você vê do lado de cá, as coisas são diferentes. A gente preocupa com o patrimônio da agremiação, pois é o alicerce. São João está bem protegido nesta parte.

Em 60 e pouco era profissionalizado. Parou determinada época eu não sei porquê. A gente não lembra, pois faz muito tempo. Aí voltou outra vez. Ai veio o Dr. Antenor depois que afastou da prefeitura, foi eleito presidente. Acho que o Palmeiras fez umas coisas sociais, ia fazer umas coisas na sede e por um ano ou dois parou.

Ai voltou e o Seu João tocou, ai o Antenor também deixou a prefeitura e foi eleito presidente. O Antenor gostava, era mais ativo do que o pai. O pai já era uma pessoa de idade, nos ajudava, mas não participava tanto. O Antenor era linha de frente junto com a gente.

Em 79 ganhamos o título. Nós ganhamos outro título também, mas eu não sei o ano. Até o Brandão Preto era o treinador, tava aí o Tião Marino. Torneio Gerônimo Bastos. Tem outra campanha muito boa também, que em 54 nós fomos terceiro lugar para a classificação da Divisão Intermediária que a Federação formou, o Severiano Palomo deve lembrar esta data. Foi um campeonato difícilíssimo, nós tínhamos um time modesto, mas ficou em terceiro lugar.

Aquele tempo nós disputamos com Ponte Preta, Paulista, São José dos Campos, Taubaté, Rio Branco de Americana, União Barbarense. Depois o Nabi, em uma politicagem promoveu um monte de times para a Divisão Intermediária, até o Dr. Antenor ficou desgostoso com isso aí. Foi depois do título de 79.

O Palmeiras disputou por mais muito tempo depois de 79. 84 ou 85 tínhamos um belo time. Chegou nos 8, para subir da Intermediária para a Especial, fomos desclassificados pela União Agrícola Barbarense. Quando o Mogi-Mirim subiu, o Palmeiras estava disputando com ele, pau a pau. O Palmeiras esteve muito perto de subir para a Especial. Teve um ano em que subiu também. Nós ganhamos a 1ª Divisão e não subiu por que o Nabi não quis. O Antenor sabe bem disso aí. Ele era o presidente esta época.

Para contratar jogadores, a gente buscava. Quando se está no meio, a gente vai observando. Eu cuidava muito desta parte. Você via um jogador bom e marcava o nome. Você ia buscar, ia atrás. Estando no meio, tinha mais facilidade. Hoje, se falar para mim montar um time, vai ser mais difícil. Por que não vejo os times jogar. Hoje é mais fácil montar, pois sobra jogador adoidado. Naquele tempo não tinha muito.

O Mirandinha era da Ponte Preta, mas não era aproveitado, daí ele fugiu para o Ceará. Aí o Assalim foi buscar o Mirandinha no Ceará, trouxe ele para cá e aí a Ponte Preta emprestou ele para o Palmeiras. Ele era menino de

dezenove, vinte anos. Talvez uns vinte e dois. O Luizinho, zagueiro da Pinhalense, brincava dizendo que o Mirandinha estava para o Palmeiras, assim como o Pelé para o Santos.

No meu tempo, o melhor jogador que eu vi aqui foi o Cidinho, mas machucou novo. Esse foi feito aqui. Jogou aqui, foi para Araras em um time pequeno, depois foi para a Ferroviária, fez uma excursão para o exterior e lá ele machucou. Ele ia voltar e ir para o Santos. Machucou o joelho. Era excepcional jogador, era centro-avante. Tirando as proporções era tipo o Zico, um dos melhores batedores de falta que eu vi até hoje. Foi em 58, mais ou menos.

Os jogadores eram vinculados. A gente fazia também muito trabalho de base. Saía muito moleque da base. Teve uma época em que, tipo 82, saiu daqui Servílio, Ademir, Rildo, Gerson, Monga, Preta saíram seis ou sete jogadores do plantel anterior.

O Merlin até me ligou, eu estava de fora, e ele me disse que o Palmeiras iria parar e que iríamos tocar. Até falei para ele que tava mais para assistir o Sassá Mutema, que era um personagem do Lima Duarte em uma novela, do que ficar mexendo com futebol. Ele me falou que se eu não fosse ninguém iria, daí eu resolvi aceitar. Eu lembro que o Bento Palermo foi de treinador, nós empatamos em Capivari, jogando com seis beques centrais no time, pois não tínhamos jogador. Isso foi uma sexta cedo e iríamos estrear no domingo. Fizemos uma campanha, lutamos demais e demos uma sorte muito grande, pois ganhamos do Rio Branco lá em Americana por 2 a 0. O Rio Branco era um puta time, o banco deles pagava todo o nosso time e nós ganhamos lá num domingo cedo. Uma sorte desgraçada, escapamos da segunda divisão. Jogamos com o Taubaté aqui e ganhamos. Era time de bola mesmo, não era brincadeira.

Aquele tempo o futebol era um divertimento. Tinha gente. O futebol hoje é muito difícil porque a geração de vocês não gosta de futebol. Vocês gostam mais de namoro, no nosso tempo era difícil namorar. Então hoje, a geração nova não gosta de futebol. Tem também outra coisa, se for fazer futebol agora, tem que fazer futebol bom. Se tiver futebol bom, o povo vai, se for ruim, vai ficar parado, por que ele não vai. No nosso tempo não tinha tanto divertimento. A televisão era muito pior. Teve ainda muito tempo que aqui não pegava televisão. Então você não via jogo, você não via nada. O futebol aqui era nossa alegria. Chegava domingo e você ia fazer o que. Agora hoje você vê Corinthians, Palmeiras, vê tudo. Hoje é diferente. Isso atrapalhou demais.

Mas hoje você também pode fazer um time bom e apaixonar a cidade. Daí começa a rivalidade, começa tudo. Mas tem que fazer um time bom.

Se você fazia uma boa campanha, você levava o público para o campo, agora se começava a perder, o povo ficava bravo. O povo cobra. Para entrar nessas coisas tem que estar preparado, pois o povo cobra mesmo.

Os jogadores moravam em pensão, mas depois de 80 eles passaram a morar no campo, numa casinha que fizeram lá. Como tinha uma base forte, tinha que hospedar uns trinta a quarenta jogadores e aí precisava ser lá no campo mesmo.

Eu não quero morrer sem ver voltar. Eu quero que volte amanhã, bem arrumado. Hoje a coisa é diferente, a prefeitura vai ter que ajudar, principalmente em transporte. Jogador hoje sai barato. Hoje você monta um plantel de jogador a mil reais, um bom jogador.

Naquele tempo era muito difícil jogar fora de casa. A juízada roubava. Hoje melhorou muito, no aspecto de juiz melhorou demais. Lá o cara afinava mesmo. Você batia e apanhava. Nós jogamos uma vez em Monte Azul, foi difícil. Pra sair era bravo. Pra eles também era difícil vir aqui, mas era pior para lá. Em Monte Azul Paulista não tinha nem banheiro no vestiário. Tinha aquelas casinhas de pau, com fossa. Teve uma briga desgraçada. Um

pernambucano chamado Genivaldo deu um murro na bola, ela pegou no cimento e foi no cap do guarda e derrubou. Eu lembro até do turco que tinha uma loja na esquina do Mercado, ele que nos salvou em Monte Azul. Ele puxou uma arma de fogo e falou que ninguém ia bater em ninguém, pois se batesse ele atirava. Aí ele mostrou o porte de arma para a polícia e conseguimos sair.

Nós vendemos bem. Nós compramos o Cássio e o Edílson por 50 mil e no final do ano, só o Cássio foi por 750 mil. Se o futebol voltar a gente ajuda, mas não como antigamente, não tenho mais idade. Com 70 anos tem que ter cuidado. Ajudar, conseguir dinheiro, dar palpite, estamos aí. Deixa os mais novos correr. Você dá só uma mão.

Entrevista Ailton Fonseca

Natural de Caldas e criado em São João.

Era repórter e em outra época virou narrador.

Como era o Palmeiras em 1979?

Eu acho que o Palmeiras de 79 representou a maior conquista da história do futebol de São João da Boa Vista. Anteriormente havia existido a Sanjoanense, que chegou na bica para subir para a primeira divisão, mas perdeu para o Linense e não se consagrou. E o Palmeiras foi diferente. O Palmeiras foi campeão e subiu para a Intermediária, que é o que representa a A2 hoje. Era o último degrau para chegar na Primeira Divisão. Na época era Divisão Especial, Intermediária e aí tinha a Primeira Divisão, Segunda Divisão e Terceira Divisão. Eram cinco divisões. O Palmeiras de São João estava na Primeira Divisão e em 79 ele subiu para a Intermediária.

O Palmeiras usou quatro treinadores: Hélio de Almeida, que montou o time, depois contrataram um treinador que ficou quatro jogos, mas não me lembro o nome dele, depois veio o Acosta, foi com ele que o time foi campeão. No começo o time não estava ganhando e eles contrataram o Mirandinha da Ponte Preta e ele já veio como um jogador acima da média.

Ele era júnior da Ponte Preta, mas já estava jogando no time de cima. Ele já substituíva o Dadá Maravilha, que era o centroavante titular da Ponte, e o Jorge Campos, que era o segundo. Quando ele entrava, ele fazia gol, embora júnior. E ele estava indisposto na Ponte, por que ele era o terceiro homem e queria explodir no futebol brasileiro. E ele já tinha condições para isso.

Então ele veio emprestado para o Palmeiras e uma multa de rescisão no valor de três mil cruzeiros na época e ele veio e não pôde jogar, pois quando o Palmeiras foi inscrever ele, eu não me lembro se foi o Fortaleza ou o Ceará, eles fizeram um gato no Mirandinha para ele poder jogar mais velho, foi o gato contrário, pois, naquela época, ele não tinha idade nem para ser júnior. Tinha uma lei na época, que eu não sei se ainda existe, que não podia colocar um jogador muito novo para jogar no time principal. Mas lá eles puseram ele para jogar, então fizeram um gato ao contrário e quando ele veio para a Ponte, alguém lá em cima denunciou na CBF e foi por isso que eles emprestaram para o Palmeiras, para o Palmeiras resolver a situação dele.

Então ele chegou em São João e começou a fazer gol nos amistosos e todo mundo vendo que ele tinha chances de entrar nos jogos. Conclusão, quando foram inscrever ele na CBF apareceu essa bronca dele lá de cima. Aí o Palmeiras conseguiu resolver a situação legal dele.

Aí ele entrou e começou a fazer gol. Ele fazia um gol por jogo no mínimo. Ele terminou o campeonato com a média de um gol por jogo. Foram raros os jogos em que ele não esteve em ação e quando ele não jogava, entrava o Titica, que era meia-atacante, e também dava conta do recado. O Mirandinha então começou a despontar como o artilheiro que ele foi. Aí depois o Palmeiras deu um tombo na Ponte Preta, pois o Palmeiras viu que ia conseguir fazer dinheiro com ele, tinha clubes interessados, inclusive vieram empresários da Bélgica, entre outras equipes, como o América de Rio Preto, no interior de São Paulo haviam vários times interessados nele. Só que aí o Palmeiras, vendo que ia pintar negócio, vendeu ele para o Botafogo, pagou a multa para a Ponte Preta e o Mirandinha foi embora.

Ele demorou a entrar no time, ficou umas quatro ou cinco partidas de fora, aí depois ele já entrou e no primeiro jogo já começou a fazer gol.

O Palmeiras no começo não estava ganhando, depois empatou fora de casa com o Batatais em zero a zero, já era esse treinador que ficou pouco tempo, e aí o time começou a ganhar. Ele só perdeu o último jogo, mas já era campeão. Perdeu por três a dois em Ilha Solteira. Esse jogo só foi para cumprir tabela. Os jogadores já estavam saindo. O Ari, que era ponta, já tinha um negócio para ir para a Bélgica.

No encaço do Palmeiras ficou o Amparo Atlético Clube. Ficou assim: o Palmeiras ganhava um jogo e eles também. Eles ficaram quase que o campeonato inteiro um ponto atrás do Palmeiras. O que desequilibrou a favor do Palmeiras foi um jogo em Presidente Prudente, contra o Corinthians de Presidente Bernardes, pois este perdera o mando do jogo e jogou em Presidente Prudente, na casa do Corinthians de lá. O jogo foi no domingo. No sábado a noite, o Amparo jogou contra o Corinthians de Presidente Prudente e perdeu de um a zero e o Palmeiras ganhou de um a zero no domingo. Aí deu a diferença.

O time era: Norinha; Charuto, Carlinhos, Gaúcho Lima e Hamilton (Zé Antônio); Roberto Bem, Carioca e Titica (Guará); Ari (Natal), Mirandinha e Piau. Aquele Palmeiras era um time sensacional. A defesa até que não era muito boa. O Ari não agüentava um jogo inteiro, então dava sessenta minutos e entrava o Natal. Quando o Roberto Bem não podia jogar, entrava o Carlinhos para volante e entrava o Luizinho na zaga. O elenco não era muito grande. No lugar do Mirandinha, passava o Titica para o ataque e entrava o Guará no meio-campo. Na ponta o Ari e o Natal revezavam. O elenco era reduzido, mas não teve muitos problemas.

Aí ganhou jogos importantes fora de casa, do Guairá de um a zero, Penapolense por um a zero, e aí no jogo de Penápolis, o Mirandinha não pôde jogar. Entrou o Titica e fez um a zero. Quando não era um, o outro fazia. Foi um time que correspondia dentro de campo. O time era muito bom: o Carioca era acima da média, o Gaúcho Lima foi para o Botafogo, o Norinha foi jogar no Noroeste de Bauru. O time era muito bom.

Foi o melhor time do Palmeiras que você viu jogar?

Temos que analisar que cada time jogou em sua época. Depois na Intermediária, o Palmeiras tinha um time muito forte. O Mirandinha jogou mais um ano, ele não terminou o campeonato, pois foi para o Botafogo, mas ele permaneceu. Chegou o Tuim, do São Bento de Sorocaba, e entrou no lugar do Mirandinha e continuou a fazer gol.

Veio o Alves, o Alfredo, dois negrões fortes que davam conta do recado na zaga, e o time continuou entrosado. Tinha o Santos na lateral-direita e o Hamilton na lateral-esquerda. O time continuou com bons resultados, mas acho que se levar em conta a época e pelo que representou, o Palmeiras de 79 foi o melhor.

Você sabe do Titica?

A pouco tempo eu entrei na internet e fiquei sabendo que ele tinha sido internado em um manicômio. Eu ouvi o Milton Neves na rádio Bandeirantes. Ele chama Ademir Moraes. Ele foi relacionado entre os quarenta da seleção. Ele bebia demais. Quando ele foi para o Náutico, ele pegou as luvas que ganhou e foi para uma casa de meretrício e torrou em uma noite. Mandou fechar a casa.

Ele contava umas histórias para a gente. Ele tinha ido em uma excursão pelo Náutico ou pelo XV de Piracicaba. Foram para a Tchecoslováquia, que na época era da Cortina de Ferro, e ele comprou na Europa uma metralhadora de brinquedo para trazer para um sobrinho, aí ele desceu do avião com o brinquedo na mão e foi preso.

Uma história que eu presenciei. A gente ia transmitir o futebol e viajava junto com o Palmeiras. Eu cansei de ver o Acosta chamar o Titica, tipo onze e meia, quinze para o meio-dia, no dia do jogo, tirava ele do hotel e levava para dar uma volta. A gente ia meio escondido para ver, chegava num boteco e ele mandava por uma pinga, ele bebia a pinga, porque ele era alcoólatra. Depois disso o Acosta falava: agora vamos almoçar. Aquele era o presentinho da criança que ele era. 20 gols. Ele era o craque do time. Eles pegavam de vez em quando o Titica. Jogavam no chão e com uma mangueira jogavam água e ensaboavam ele. Ele brincava que não tomava banho, pois tirava o calor do corpo, ficava doente. Todo mundo gostava dele. Ele não cuidava de si, tinha dente estragado na boca, o que prejudicava a vida atlética dele. Ele não tinha responsabilidade, fugia de concentração. Ele chegou um jogador desgastado, tinha 24 anos. Ele só não ficou no São Bento, XV de Piracicaba e Náutico por ser indisciplinado fora do futebol. Dentro do futebol ele era craque, fazia uns gols de craque e saía andando, sem correr para o abraço.

Como era o Mirandinha como jogador?

Tem uma história interessante sobre o Mirandinha. No jogo contra o Lemense em São João estava zero a zero. O Mirandinha era fominha. Depois que dessem a bola para ele do meio de campo para a frente, ele só passava se não tivesse jeito mesmo. Ele tava num dia muito fominha, então terminou o primeiro tempo em zero a zero. No vestiário eu escutei o Acosta falar para ele, fui pegar uma laranja no vestiário, Seu Miranda, pelo amor de Deus seu Mirandinha, chega na linha de fundo e toca essa bola para trás. Está todo mundo de frente para o gol. Você vai querer virar herói do time? E ele quietinho, ele não reclamava. Começou o segundo tempo, deu uns cinco minutos, meteram uma bola em profundidade para ele pelo lado esquerdo, ele deu um tapa (depois que ele tirava do zagueiro, não pegavam mais ele), chegou na linha de fundo, faltando meio metro para a linha de fundo, ele bateu de três dedos e ela bateu no ferro do outro lado, um a zero. Dois minutos depois, do outro lado, mesma coisa, da risca da área, com o pé canhoto, meteu do outro lado. Eu tava perto do banco e escutei o Acosta falar: o Miranda não tem jeito não, deixa ele jogar do jeito que ele quiser.

Quando tava na linha de fundo ele batia de três dedos para o gol, dos dois lados e com as duas pernas, com a mesma potência. Em todo lugar que ele jogou, ele foi assim.

Ele era brigador, não tinha medo de cacetada, ia para cima.

Teve uma vez que o João Bacana, treinador interino do Palmeiras, começou a falar muita coisa para ele, ele pegou a bola e deu um bico no bambu e falou assim: fica aí o João Saldanha com o seu time. E foi embora, mas no outro dia estava tudo normal de novo.

Uma vez ele tava fominha e não fazia gol. A bola sempre pra fora. Tinha um torcedor gritando, xingando ele. Aí ele fez o gol no finzinho e foi um a zero para o Palmeiras. Acabou o jogo, ele pulou o alambrado e foi correndo atrás do cara. O cara vazou naquelas ruas do São Benedito e ele atrás do cara.

Ele era um ídolo da torcida, ele e o Titica. O Titica era irreverente e ele o fazedor de gols.

Teve outro jogo interessante, em 80, tava um a zero para a Portuguesa Santista, quarenta e três minutos e ele fez o gol de empate. Deram a saída, tocaram a bola para o meia, que recuou para o volante, que tocou para o goleiro, naquele tempo o goleiro podia pegar com a mão. Mas o goleiro estava de costas, estava voltando para o gol. Aí, quando ele virou, a bola vinha sentido linha de fundo e ele deixou a bola sair. Acho que ele pensou que alguém do Palmeiras tinha chutado. Aí cobraram o escanteio e o Mirandinha de cabeça fez o segundo gol aos quarenta e cinco e virou o jogo. Jogo histórico também.

Como era a torcida?

Neste campeonato de 79 o torcedor lotava o Getúlio Vargas, pois era garantia de resultados. O torcedor ia mesmo. A torcida do Palmeiras era fiel. Na inauguração do CIC lotou, mas era de graça.

Imprensa

Na rádio era o Luís Roberto narrando, o comentarista era o Carlos de Oliveira e os repórteres eram eu e o João Fernando. Fora de casa o Carlos não ia, daí eu comentava os jogos fora de casa. Um ou dois jogos o Hélio Fonseca comentava. A equipe era boa, marcou época.

A imprensa tinha uma boa relação, a gente viajava junto, o time estava ganhando, não tinha crítica pesada. Nessa época foi legal.

Fim do Palmeiras

O Mirandinha chegou, reformou o estádio, fez investimentos, mas foi um tiro na água. O futebol não é do jeito que se sonha. A realidade é dura. Se não tiver um parceiro hoje, para garantir pelo menos parte da despesa, não funciona. Imagina que você tem que ter no mínimo vinte e cinco jogadores, mas ia comissão técnica. Tem que pagar tudo, comida, hospedagem, departamento médico, viagem, taxas. É difícil suportar o futebol profissional. O Mirandinha achou que, por ter nome, ia chegar e ia encontrar um parceiro. E ele não encontrou, daí ele investiu até não ter mais condições. Até onde eu sei, sobrou para o Palmeiras.

A volta

A Esportiva voltou quando veio o Barbeitos, antes tinha o Bilú, que era um pacionalista. O time perdeu para o Linense e ele jogou a responsabilidade nos jogadores, o que eu acredito que não foi vendido. Queimou as camisas, num gesto bárbaro. Depois veio o Barbeitos, mas quando ele saiu acabou também. A SES voltou na década de 80. Fizeram apenas um amistoso. No CIC. Acho que o Palmeiras ganhou de quatro a um.

Os clubes de São João nasceram por causa do futebol. O Palmeiras não significava nada e o futebol foi quem fez que os dirigentes fossem construindo.

Uma cidade do naípe de São João, com a história no futebol que tem. Jogadores que vestiram a camiseta da Seleção Brasileira, como o Mauro, o Bellini, Paulinho McLaren e o Mirandinha. É merecido que o futebol volte.

Eu acho que no futuro os dirigentes têm que se reunir para a volta. Se você arranjar um parceiro forte, você consegue tocar. Eu acho que tinha que voltar o futebol profissional, mexe com a cidade, com o comércio. Motiva todo mundo. Eu lembro de jogos que tiveram carreatas na rua, saíam pelas ruas fazendo festa, com foguetes e bandeiras

Festa do título de 79

Foi com carreata, o pessoal saiu do campo do Palmeiras, saiu pela cidade. Carro aberto, com os jogadores em cima dos carros. Não tinha bombeiros na época. Um monte de carros, com os jogadores em cima.

A entrega do troféu foi depois. Um jogo contra a Inter de Limeira. A entrega foi feita por dirigentes da Federação, o presidente não estava. O Getúlio Vargas estava lotado. O Palmeiras até perdeu o jogo, por um a zero ou dois a um. A Inter tinha subido para a Especial. A Inter tinha um timaço.

Como chamavam o Palmeiras?

Eu comecei a chamar de Lobo da Vila. Por que todos os times tinham apelido, a Esportiva era Tigres da Mogiana. Então começamos em 79. No início os caras gozavam, mais depois pegou. Torcedor do Palmeiras eram palmerinos, por causa do famoso da capital. Tinha a Associação Atlética das Palmeiras, em São Paulo, que era preto e branco. Então o Palmeiras fundou copiando a Associação. O uniforme principal é tudo branco. Em 79 começaram a usar o igual a da Ponte e depois teve uma listrada. O escudo original era redondo.

Prêmio Placar

O Mirandinha ganhou o prêmio da Seleção do Interior em 80. Ele participou de um torneio em Kuala Lumpur na Malásia. Outros foram lembrados, mas só ele entrou. No fim do ano a gente votava em onze, a Placar vinha, com um fotógrafo e a gente votava, eles tiravam foto. Todos os jornalistas esportivos da cidade votavam. Eu votei no Mirandinha, Guará.

Extinção do futebol

O Palmeiras parou por que o Dr. Antenor cansou. Foi em 85. O Palmeiras estava desgastado, sem recursos financeiros. O Nabi fez essa jogada para puxar o Paulista de Jundiá, que num ano só caiu da Especial para a Intermediária e da Intermediária para a Primeira. Convidou um monte de times para puxar o Paulista de volta. Ele perdeu para o Barbarense em 83, foi decepcionante, o juiz roubou, o Palmeiras tinha um timaço. Se ganhasse ia para o quadrangular. Acho que subiu o União São João. Era um time bom, mas não para ser campeão. O Bento Palermo que era diretor quebrou. Ele tinha caminhão, olaria e quebrou. Ele era o supervisor de futebol e morreu pobre. O Mirandinha foi em 91 ou 92. O Palmeiras era muito amador, era feito na base do amor de dirigentes, não tinha marketing. Os diretores eram todos colaboradores.

A imprensa esportiva precisa ser mais atuante. Ta muito parada. Naquele tempo tinha o Edelson Decanine, Luiz Roberto, Aílton Fonseca, Tatá Muniz, Otávio Muniz, Mario Savage, Luiz Cagnani. Imprensa atuante. Jornais que viajavam, iam atrás. A imprensa é um ponto atuante para manter o clube. Não tem o time não tem a imprensa e vice-versa.

ANEXOS